

*Artigos Originais***ORIENTAÇÃO SEXUAL: CONCEPÇÕES SOBRE SEXO
EM PRÉ-ADOLESCENTES***Original Articles***THE CONCEPTS ABOUT SEX BEGINS AT AN EARLY AGE:
THE PRE-TEENS**

Paulo César Gomes*

<http://lattes.cnpq.br/3637285622123132>pcgomes21@ibb.unesp.br

CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ., Franca, SP, Brasil – eISSN 2175-4217 – está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

**RESUMO**

Este estudo teve por objetivo investigar concepções sobre sexo em pré-adolescentes com utilização do recurso história em quadrinhos. Participaram deste estudo cinquenta alunos, 24 meninos e 26 meninas com faixa etária média de onze anos. Todos cursavam a disciplina de ciências em uma sala de 6.º ano do Ensino Fundamental numa Escola de Tempo Integral. Os alunos, a convite do docente responsável, produziram uma história sobre o tema 'sexo' que serviu como atividade preliminar de investigação sobre os conhecimentos prévios para o início de uma unidade didática. Os resultados analisados sugerem que os estudantes compreendem a palavra "sexo" exclusivamente como coito, a única possibilidade retratada. Entretanto, há nas respostas uma multiplicidade de características e valores apontados pelos estudantes que levantam questões e demandam maiores reflexões sobre temáticas raramente enfrentadas pelos docentes em sala de aula, tais como: gravidez e aborto, dores na relação sexual, uso do preservativo, desejo sexual, sexo anal, tornar-se mãe solteira, sexo grupal, AIDS, prostituição, tamanho dos genitais, masturbação e questões de gênero, entre outras. Destaca-se a necessidade de uma contínua formação docente para romper o paradigma do preconceito e do silêncio na sala de aula sobre estes temas.

Palavras-chave: orientação sexual. Ensino de Ciências. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

Sexual Orientation is present in the curriculum of many schools for elementary and high school. This subject generates controversy in the school community. This a fact that leads many teachers postpone the start of this topic. Fifty students participated in this study, 24 boys and 26 girls with average age of eleven years. The study aimed to investigate conceptions on sex in adolescents using the cartoon. The analyzed results suggest that students understand sex as intercourse only.

* Doutor em Educação para a Ciência pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) – Campus de Bauru. Professor do Departamento de Educação do Instituto de Biociências – UNESP – Campus de Botucatu.

However, there are a multitude of features mentioned by students. These are issues that require further reflection about issues not always discussed in class: pregnancy and abortion, condom use, sexual desire, anal sex, becoming a single mom, group sex, AIDS, prostitution, size of genitals, masturbation, among others.

Keywords: sexual orientation. Science Education. Elementary School.

INTRODUÇÃO

A Orientação Sexual é pauta comum do currículo de inúmeras escolas de Ensino Fundamental e Médio. A temática quase sempre gera polêmica entre os alunos e alunas, pais e mães, professores e professoras, coordenação e direção escolar. A polêmica se instala devido aos inúmeros argumentos sobre os valores morais: a vergonha no tratamento destes temas pelos docentes, a exposição pessoal da sexualidade dos docentes, aos pudores e valores pessoais individuais, em relação à opção sexual dos jovens, à homofobia, prostituição, aborto, virgindade, promiscuidade, início da atividade sexual dos jovens, entre tantos outros. Qualquer que seja a posição entre os educadores em relação aos prós e contras acerca do tema orientação sexual, há muito ceticismo e apatia no que se refere ao alcance prático das aulas. Neste sentido, muitos professores e professoras ainda questionam-se: como promover mudanças atitudinais entre as alunas e os alunos do Ensino Médio que se prostituem? Como posicionar-se profissionalmente, tomar decisões e ter atitudes diante de confrontos pessoais em sala de aula nos casos de *bullying* e assédio sexual? Como tratar do tema pedofilia e possibilitar que os jovens o relacionem de modo crítico com suas noções de exposição pessoal e conseqüente banalização da imagem de meninos e meninas vastamente divulgadas nas redes sociais? Seria possível, sem ser prescritivo ou dogmático, promover mudanças no hábito e valorizar atitudes positivas e saudáveis em relação ao sexo e a sexualidade dos estudantes? Qual é, afinal, o papel da escola na Educação Sexual dos jovens?

Na literatura, a Educação Sexual trata de processos de conhecimento sexual que ocorrem durante toda a vida, desde o nascimento à morte, decorrente de aprendizagem e conhecimento individual do sexo, identidade sexual, sexualidade e mesmo da atividade sexual em si, propriamente dita, são processos que ocorrem de forma nem sempre planejada (REIS; RIBEIRO, 2005). A Orientação Sexual, por sua vez, dá-se de forma organizada e planejada, está inserida nos currículos escolares e ocorre em ambientes formais ou

não-formais de ensino (REIS; RIBEIRO, 2005). Vale ressaltar que tais definições não são consensuais à noção de Educação Sexual (SILVA; MEGID NETO, 2006). De fato,

O pouco conhecimento sobre as temáticas de gênero e sexualidade apresenta-se como um dos fatores pelos quais professores, na maioria dos casos, continuam ensinando, mesmo que “discretamente”, modos de ser e de se comportar de maneira diferente e desigual para meninos e meninas (FELIPE; GUIZZO, 2004, p. 39).

São valores trazidos para o interior da escola e da sala de aula nem sempre de forma consciente por professores e professoras. Na verdade, é sabida a importância do ensino da temática sexualidade nas escolas no segundo ciclo (BRASIL, 1999), entretanto, é comum no Ciclo II do Ensino Fundamental as/os docentes relatarem a opção de abster-se de sua fração de responsabilidades. Há discussões entre estes/as profissionais sobre quando começar a tratar desta ou daquela temática, mas pouco ou nenhum consenso existe. De fato, alguns professores e professoras de ciências têm relatado que evitam a temática orientação sexual com os alunos do ciclo II do Ensino Fundamental por vergonha, medo ou mesmo por falta de maturidade para falar com os jovens sobre estas temáticas. Certa vez, após a detecção de relatos de abuso sexual infantil entre alunas do 6.º ano do ensino fundamental, relatou uma docente de ciências: “Eu fico sem chão para lidar com isso. Qual postura eu tomo? O que é que eu faço agora? Chamo a polícia, o promotor da Infância e Juventude, o Conselho Tutelar ou todos eles? Vão prender [o agressor]?” Evitar o tema sexualidade não soluciona os muitos problemas existentes, tal ação apenas distancia o profissional de ciências de suas reais responsabilidades em relação à formação dos alunos e alunas e para com a sociedade.

De fato, segundo os PCN's,

Não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece. **O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possa se expressar.** Caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias. **A única exceção refere-se às situações em que haja violação dos direitos das crianças e dos jovens.** Nesses casos específicos, cabe à escola posicionar-se a fim de garantir a integridade básica de seus alunos — por exemplo, as situações de violência sexual contra crianças por parte de familiares devem ser comunicadas ao Conselho Tutelar (que poderá manter o anonimato do denunciante) ou autoridade correspondente (BRASIL, 1999, p. 305, grifo nosso).

Os professores e professoras devem estar disponíveis para falar sobre sexo e sexualidade, devem ser diretos e esclarecedores, exceto quando o foco do debate é a própria intimidade sexual do educador ou educadora (BRASIL, 1999). Essa postura sexual docente, tal como mencionada por Felipe e Guizzo (2004), ainda que de forma inconsciente e mesmo sem qualquer planejamento prévio, também é ensinada aos alunos e alunas. Pode-se ressaltar também que o/a profissional da Educação, inclusive em Educação em Ciências, representa mais uma autoridade também incapaz de proclamar quaisquer – “verdades” e tampouco vigiar, julgar, punir, demarcar distâncias entre o – “certo e o errado, o normal e o patológico” (LOURO, 1998, p. 34).

Esta autora ainda denota com ironia que:

A sexualidade “normal” é a heterossexual; mais do que isso, ela é concebida como a única forma “natural” de sexualidade. Homens e mulheres homossexuais ou bissexuais estão fora da norma, são desviantes, doentes ou pervertidos. A referência heterossexual também marginaliza aquelas e aqueles que vivem a sua sexualidade sozinhos, sem parceiros, ou que transitam de uma forma de sexualidade e à outra. Uma infinidade de teorias médicas, psicológicas e religiosas é acionada para reconduzir essas mulheres e esses homens à posição “correta” e “sadia” – a heterossexualidade (LOURO, 1998, p. 36).

A escola é compreendida, muito além do controle de natalidade e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis – DST’s, como um “dispositivo político de intervenção privilegiado [...] do controle da sexualidade de crianças e, principalmente, pré-adolescentes” (ALTMANN, 2003, p. 285). Este controle deveria visar o esclarecimento e o diálogo, nunca um cerceamento de posturas e condutas sexuais. Neste sentido, o currículo deveria ser construído adequadamente às necessidades de formação dos alunos, alunas e professores para necessariamente uma compreensão da sociedade, além da formação de capacidades que orientem para a autonomia, comprometimento, democracia e solidariedade (TONATTO; SAPIRO, 2002, P. 172).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, o/a educador/a — “Pode também incentivar a produção (coletiva e individual) das representações que crianças e adolescentes têm sobre o corpo, por meio de desenhos, colagens, modelagem etc.” (BRASIL, 1999, p. 321). É desejável que os professores de ciências façam o levantamento das concepções alternativas ao iniciar um assunto para averiguar o que os estudantes sabem sobre determinadas temáticas, de modo a tomar estes conhecimentos prévios como ponto de partida aos planos de ação educativa posteriores (BRASIL, 1999). Na temática Orientação Sexual, no que diz respeito a explorar os conhecimentos prévios,

é louvável em prol da aprendizagem, o jovem – “confessar” seus segredos sobre sexo e sexualidade?

Neste sentido, na acepção de sociedade cristã, confessar é libertar-se dos pecados, de uma cura que se dá pela palavra (FISCHER, 1998, p. 434). Esta mesma autora ainda denota o poder de convencimento e penetração da mídia na produção de gêneros, construção e reconstrução de valores e sentidos, além da padronização de estereótipos dos jovens diante do sexo e da sexualidade. Será que ao investigar tais conhecimentos prévios dos/as estudantes, o/a professor/a de ciências não estaria forçando-os/as a confessar e tornar público seus segredos ou o não dito publicamente?

Há docentes que dão um cunho “quase religioso” ao tema sexo em sala de aula. Certa vez, um aluno questionou uma colega professora que lecionava no 7.º ano do Ensino Fundamental: “*Ô professora, quando é a hora certa de o adolescente fazer sexo?*” E a professora: “*Nunca. Os adolescentes não devem fazer sexo! Sexo somente após o casamento.*” A afirmação desta docente vem ao encontro da definição dada por Louro (1998) do estereótipo ou normatização dos modelos de sexualidade ensinados, isto é, a da família tradicional heterossexual, branca, cristã e urbana. Ainda segundo a autora, os/as docentes compartilham com um

[...] acordo tácito de silêncio, dissimulação e negação a respeito da sexualidade [nas quais as] instituições escolares constituíram-se, nas sociedades urbanas, em instâncias privilegiadas de formação das identidades de gênero e sexuais, com padrões claramente estabelecidos, regulamentos e legislações capazes de separar, ordenar e normalizar cada um/a e todos/as (LOURO, 1998, p 40).

Neste sentido, silenciar perguntas e calar dúvidas parece ser uma das metas do estabelecimento da ordem, mesmo em aulas de ciências. A título de exemplo, um aluno questionou uma professora do 4.º ano do Ensino Fundamental numa aula de Ciências Naturais: “*Professora, as mulheres também entram no cio?*” E a professora enfática disse: “*Vai perguntar para sua mãe*” e, em seguida, retirou o aluno da sala, o encaminhou à Direção Escolar e convocou os pais para uma reunião com a docente. Outra professora flagrou um aluno do 5.º ano masturbando-se durante a aula, o que, segundo a docente, o fato fez com que ela parasse a aula e falasse em voz alta ao aluno: “*Menino, guarda isso!*”. Esta outra professora polivalente teve a mesma reação da anterior, isto é, retirar a criança da sala, encaminhar à direção escolar e chamar os pais para conversar. O enfrentamento e domínio de inúmeras situações demandariam, além de muito bom senso

e ponderação, conhecimentos biológicos e psicológicos nem sempre estão presentes ou fazem parte do repertório de professores/as polivalentes.

Reis e Ribeiro (2005, p. 39-40) salientam que o educador deve:

[...] ser uma pessoa coerente com a sua proposta, que não tente passar modelos. Ao invés disso, analisa com os alunos as diferentes situações e visões que existam sobre o tema; deve ser verdadeiro, sem se achar portador da verdade absoluta; conhecer o assunto sem ser onipotente; ter sensibilidade para perceber as necessidades dos alunos e procurar elaborar um programa que vá ao encontro dessas necessidades e das expectativas desses alunos; firmar relação de confiança com o aluno, não estabelecer juízo de valores ou criticar as diferentes formas de expressão da sexualidade, e entender que crianças e jovens estão buscando o prazer e respostas às curiosidades e dúvidas que a vivência da sexualidade naturalmente gera em todos nós.

Em um estudo recente acerca de práticas de professores licenciados em Ciências Biológicas em Recife – PE, as autoras Lira e Jofili (2010, p. 40) constataram o desconhecimento acerca das recomendações dos PCN's – Orientação Sexual e mesmo da existência deste tema transversal nos documentos oficiais.

Explorar os conhecimentos prévios dos alunos em quaisquer temáticas das ciências impõe que os professores minimamente dominem o conteúdo a ser ensinado (CARVALHO; GIL-PÉREZ, 2001; DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2002). Entretanto, quando a temática é a sexualidade humana há muito mais o que saber e dominar sobre os conteúdos que apenas a fisiologia, anatomia, métodos contraceptivos ou doenças sexualmente transmissíveis. É imprescindível compreender a produção cultural das sexualidades através dos tempos, como ela se dá na vida dos/as jovens e as construções de gêneros dentro do ambiente escolar e fora dele. Aliás, sobre o conceito de gênero, os Parâmetros Curriculares Nacionais atentam que...

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de 'masculino' e 'feminino' como construção social (BRASIL, 1999, p. 320)

É no desenvolvimento das aulas que os sexos biológico e social emergem ou afloram. As construções de gênero criadas pela sociedade não têm espaço na escola (ou pelo menos não deveriam ter) nas aulas de orientação sexual. Cabe aos professores a função de mediar e conduzir as discussões de modo a não incentivar comportamentos ou condutas, mas

investigar, dialogar, esclarecer e dar um panorama da sexualidade humana em seu contexto e status de construção social.

Diante do quadro anteriormente exposto, o presente estudo pretende discutir dados inéditos, mas integrantes de um estudo apresentado na modalidade comunicação oral no Encontro Ibero-americano de Educação – EIDE, na cidade de Araraquara – SP.

OBJETIVOS

Os objetivos deste estudo buscaram (a) analisar o conteúdo de produções de histórias em quadrinhos elaboradas por alunos do 6.º ano do Ensino Fundamental com a temática: sexo¹; (b) analisar questões de gênero provenientes destas produções e (c) verificar como estas produções poderiam subsidiar o trabalho docente no ensino de sexualidade em aulas de ciências.

METODOLOGIA

Na Pesquisa Qualitativa (DUARTE, 2002) os dados não são computados em números, mas estão distribuídos no decorrer das atividades produzidas, entrevistas, muitas vezes dissimulados em palavras ou ideias expressas no texto. Neste estudo foi adotado o Ensino de Ciências por Investigação (CAMPOS; NIGRO, 1999) somado ao recurso da produção de histórias em quadrinhos (VERGUEIRO, 2004). Em conjunto, poderiam compor uma importante fonte de material didático para explorar os conhecimentos prévios em ciências naturais e contribuir para as manifestações das aprendizagens anteriores dos alunos sobre: sexo, sexualidade, relações sexuais, concepção, parto e outras. As propostas de Vergueiro (2004) para a elaboração de metodologias de trabalho com histórias em quadrinhos em sala de aula apresentam diversos exemplos do como unir esse material às práticas docentes planejadas, tendo em vista a finalidade de ensinar conteúdos de forma atraente e motivadora.

¹ Vale destacar que a primeira edição do Novo Dicionário da Língua Portuguesa de 1975, da Editora Nova Fronteira, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, traz algumas definições para a palavra sexo: “**Sexo** (cs) [do lat. sexu] S.m. 1. Conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e nos vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas. 2. O conjunto das pessoas que possuem o mesmo sexo. 3. Sensualidade, volúpia, lubricidade; sexualidade: A pequena é ferosa, é toda sexo. 4. **Bras.** Os órgãos genitais externos. **O belo sexo.** As mulheres; o sexo fraco, o sexo frágil. **O sexo forte.** Os homens. **O sexo devoto.** As beatas. **O sexo fraco.** V. o belo sexo. **O terceiro sexo.** Irôn. Os homossexuais”.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Primeiramente, foram feitas reuniões com a direção e coordenação escolar nas quais foram expostas as necessidades de abordar a temática sexualidade com alunos e alunas dos 6.º anos do Ensino Fundamental – EF. A escola participante é integrante do projeto Escola de Tempo Integral – ETI da SEE/SP (Secretaria de Estado da Educação de São Paulo) localizada em região central de uma cidade de médio porte do interior paulista.

Em reunião, direção e coordenação manifestaram-se favoráveis à realização do projeto na condição de que os pais fossem participados e que tomassem ciência por escrito acerca da realização do projeto de pesquisa, das condições de participação dos alunos e do início das aulas desta temática. Assim, foi agendada uma reunião com os pais, mães e responsáveis pelos alunos e alunas das duas salas participantes do projeto sobre orientação sexual. Os pais, mães e responsáveis manifestaram-se favoráveis à proposta e unanimemente apoiaram a realização do projeto e, por ocasião desta reunião, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido informando as condições específicas de anonimato e da participação dos alunos e alunas para os fins da pesquisa.

Os participantes foram duas turmas do 6.º ano do EF – totalizando 50 alunos, dentre estes, 24 meninos e 26 meninas – e o docente de ciências físicas e biológicas responsável pelas turmas. Os alunos e alunas são provenientes de diferentes áreas da cidade. Todos estão em idade escolar regular, isto é, tem faixa etária entre 11 e 12 anos de idade.

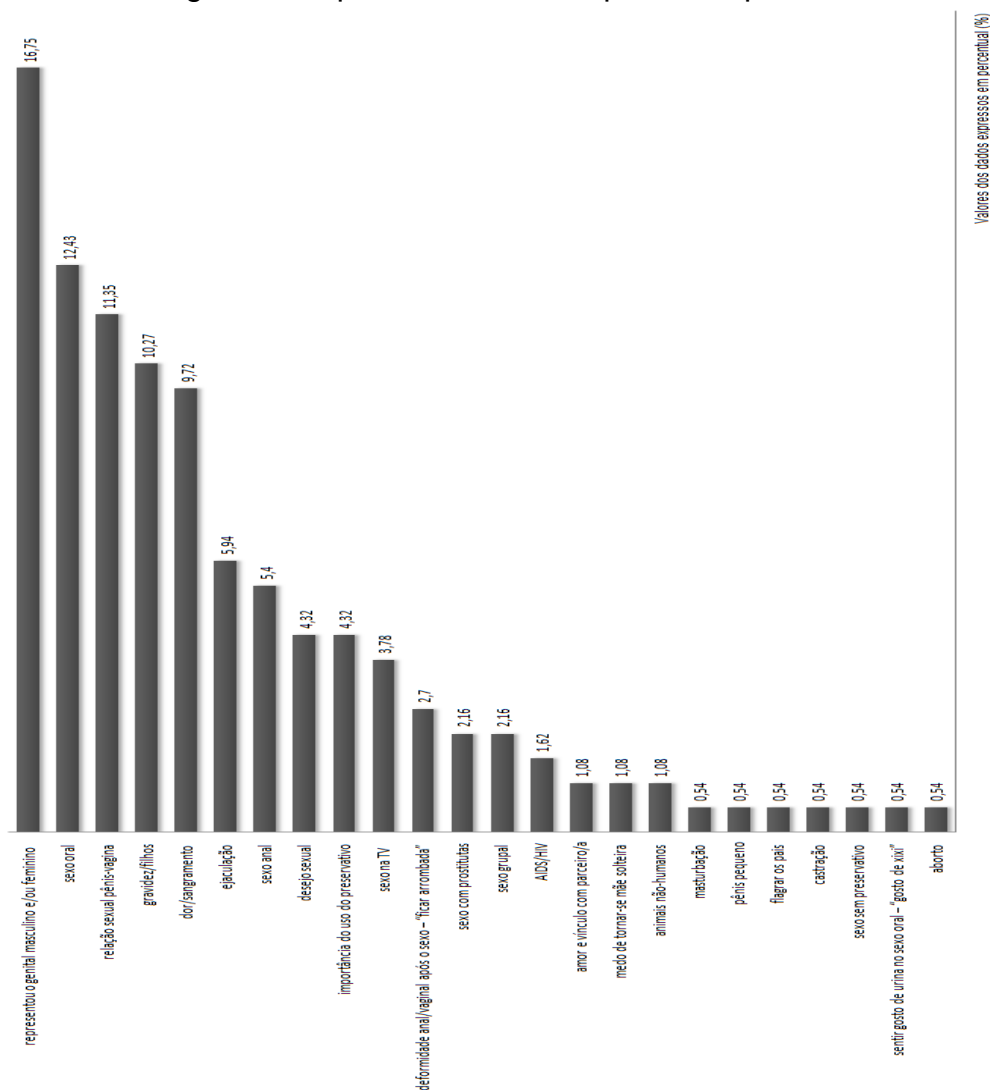
Os dados apresentados neste artigo compõem exclusivamente o levantamento preliminar do início de uma unidade didática sob a temática orientação sexual. Atividade que teve por objetivo principal investigar os conhecimentos prévios dos alunos e alunas das duas classes. Todos receberam uma folha de papel em branco e instruções orais do professor, isto é, que eles deveriam produzir individualmente uma história em quadrinhos sobre um tema específico. O professor escreveu em letra bastão na lousa: “TEMA: SEXO”, explicou que se tratava da primeira atividade das aulas com a temática orientação sexual e não forneceu nenhum outro tipo de auxílio. Produzir quadrinhos é uma prática comum entre docentes dos 6.º e 7.º anos do EF, é atividade conhecida dos alunos, de linguagem fácil e de grande aceitação entre os alunos com esta faixa etária (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 39).

Os resultados analisados a seguir são provenientes de produções de 50 alunas e alunos, especificamente, vinte e quatro (24) produções elaboradas por meninos e vinte e seis (26) produções elaboradas por meninas.

RESULTADOS

Os resultados obtidos e apresentados nos Gráficos 1 e 2 foram contabilizados a partir dos conteúdos das histórias em quadrinhos produzidas pelos alunos e alunas. As histórias em quadrinhos foram tabuladas e categorizadas. De forma, que cada uma das produções dos alunos foi considerada globalmente, isto é, considerou-se, simultaneamente, a produção do texto e o conteúdo dos desenhos elaborados.

Gráfico 1 – Total geral de tópicos sobre sexo apontados por meninos e meninas



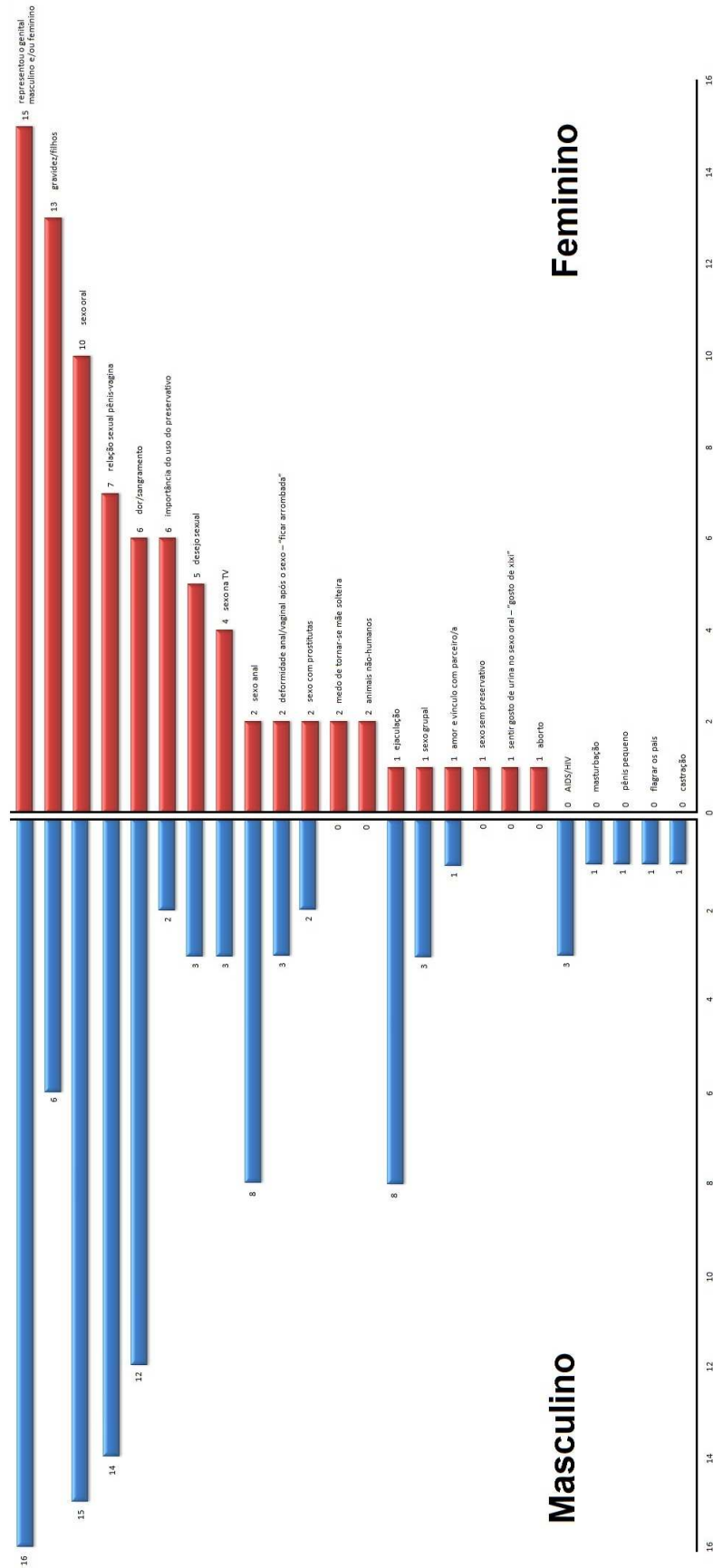
Fonte: Paulo César Gomes – Resultados de Pesquisa

Considerando todas as histórias em quadrinhos produzidas por meninos e meninas, elas apresentam características comuns, isto é, todos os participantes compreenderam e retrataram “sexo” exclusivamente como coito ou relação sexual. Mesmo considerando este aspecto inicial, o conjunto destas produções foi subdividido e organizado em vinte e quatro categorias (veja Gráfico 1) que foram contabilizadas por número de ocorrência nas produções dos alunos e alunas, aqui apresentadas em percentual: (1) animais não-humanos – 1,08%; (2) gravidez/filhos – 10,27%; (3) aborto – 0,54%; (4) sexo na TV – 3,78%; (5) dor/sangramento – 9,72%; (6) representou o genital masculino e/ou feminino – 16,75%; (7) sexo oral – 12,43%; (8) relação sexual pênis-vagina – 11,35%; (9) deformidade anal/vaginal após o sexo – “ficar arrombada” – 2,70%; (10) sentir gosto de urina no sexo oral – “gosto de xixi” – 0,54%; (11) importância do uso do preservativo – 4,32%; (12) desejo sexual – 4,32%; (13) sexo anal – 5,40%; (14) ejaculação – 5,94%; (15) medo de tornar-se mãe solteira – 1,08%; (16) sem preservativo – 0,54%; (17) sexo grupal – 2,16%; (18) AIDS – 1,62%; (19) sexo com prostitutas – 2,16%; (20) castração – 0,54%; (21) flagrar os pais – 0,54%; (22) pênis pequeno – 0,54%; (23) amor e vínculo com parceiro/a – 1,08%; (24) masturbação – 0,54%.

Muito mais que “confessadas”, as percepções sobre sexo dos alunos e alunas foram além de aspectos “esperados” pelo professor responsável. Na verdade, as temáticas apontadas não são rotineiramente abordadas em aulas de ciências, nem mesmo quando a temática é reprodução humana. Com brevidade, as temáticas mais comuns em ciências são: anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor masculino e feminino; relação sexual heterossexual; fecundação, fertilização e desenvolvimento embrionário; gravidez, planejamento familiar e filhos; métodos contraceptivos; DST’s e AIDS. Entre as temáticas apontadas por alunos e alunas, as principais foram: sexo oral, dor na relação sexual e sangramento, ejaculação, sexo anal, desejo sexual, para citar apenas alguns.

Assim, os valores expressos no Gráfico 2 (na página seguinte) denotam, em valores absolutos, o número de vezes que cada uma das temáticas apareceu considerando toda a amostra. O Gráfico 2 exhibe um comparativo das mesmas categorias abordadas por meninos e por meninas.

Gráfico 2 – Distribuição por categoria, comparativo meninos e meninas



Fonte: Paulo César Gomes – Resultado de Pesquisa

Do Gráfico 2, dentre as categorias apontadas pelos alunos e alunas, há temáticas das produções exclusivamente abordadas por meninos: (a) masturbação, (b) tamanho pequeno do pênis, (c) preocupação em flagrar os pais mantendo relações sexuais, (d) sentimento de castração e (e) o perigo da AIDS. Outras temáticas, apontadas em maior número pelos meninos, estão: (f) sexo anal, (g) ejaculação e (h) sexo grupal ou *swing*. Apenas duas histórias de meninos apontam a importância do uso do preservativo. Este mesmo aspecto foi apontado por seis meninas. O item gravidez e criação dos filhos decorrente do início da atividade sexual foram apontados por apenas seis das histórias produzidas pelos meninos, no entanto, aparece em segundo lugar dos temas mais apontados pelas meninas, pois foi retratada em treze das histórias em quadrinhos produzidas. Um último aspecto que pode ser destacado foi que o dobro do número de meninos, doze deles, vinculou a relação sexual à dor e ao sangramento se comparado ao mesmo número de histórias produzidas pelas meninas.

Ainda considerando o Gráfico 2, algumas temáticas também foram unicamente manifestadas por meninas. Dentre estas, pode citar: (a) sexo sem preservativo, (b) medo de tornar-se mãe solteira, (c) sentir gosto de urina no sexo oral, (d) aborto, (e) sexo entre animais não humanos. Os resultados denotam os chamados “assuntos proibidos” ou àqueles não tratados de modo algum pelas alunas, por exemplo, masturbação feminina, tamanho do pênis ou da vulva, das DST's e da AIDS, entre outros. Estes temas ainda são tabus para as meninas e refletem a compreensão que as alunas possuem nas questões sobre o sexo feminino, construção do gênero e da própria sexualidade. As situações relatadas indicam aspectos do início da vida sexual das meninas, por exemplo, descrição de sexo oral e também no sentido de algumas alunas avaliarem como positivo o fato de manterem relações sexuais sem o uso de preservativos. Cabe destacar ainda outra fonte de apreensão entre os docentes em ciências, também decorrente do início precoce da vida sexual dos jovens, questões de abandono, aborto, abuso sexual e do medo de tornar-se mãe solteira. A representação do sexo em animais não-humanos pode ter sido usado como artifício pelas alunas para não representar outros aspectos da própria sexualidade nas histórias. A questão do aborto, também recorrente entre as meninas, aponta ainda outra interface, a do peso das responsabilidades decorrentes do início da vida sexual, mas em uma interpretação que as restringem exclusivamente às meninas.

Ainda no Gráfico 2, não era esperado que as categorias apontadas por meninos e meninas fossem perfeitamente simétricas em suas quantidades ou temáticas. As diferenças podem ser atribuídas às histórias pessoais e experiência de vida de cada pessoa, interesses

particulares e os distintos perfis quando se considera os sexos masculino e feminino. O início da vida sexual dos meninos é igualmente precoce. Esta investigação preliminar sobre as concepções sobre “sexo” e mesmo sexualidade dos pré-adolescentes indicou que os meninos têm maiores ‘liberalidades’ na iniciação sexual ou liberdades consentidas pelos pais e mães se comparada às meninas. Um fato a destacar é que a temática “virgindade” (no sentido de ter a primeira relação sexual ou no sentido de ter ou não o hímen) não foi lembrada por nenhuma das histórias em quadrinhos.

Outro aspecto necessário aos professores e professoras de ciências é ter maturidade para submergir em “terreno proibido”, desconhecido, “espinhoso” e, em algumas vezes, até inesperado da sexualidade das crianças que frequentam aulas no 6.º ano. Crianças estas comumente julgadas por outros docentes da mesma unidade escolar como “assexuadas”, mas que cada vez mais se assustam ao conhecer o conteúdo de suas histórias, como por exemplo, um trecho reproduzido abaixo:

“Era uma vez... Eu saí para dar um ‘rolê’ [passeio]. Eu fui numa ‘balada’ [festa]... Aí, eu entrei na balada. Eu dancei com uma vadia [prostituta]. Aí, eu a levei para o motel. Dentro do quarto, ela tirou a roupa. Ela está fazendo uma ‘punheta’ [masturbação masculina]. Enfia, enfia... eu vou gozar. Chupa, chupa mais meu ‘pinto’ [pênis]”. Aluno B1, 11 anos.

O trecho transcrito evidencia uma pequena fração dos muitos problemas a serem enfrentados por professores, professoras e pela comunidade escolar em geral, porque é a partir de histórias como esta que dará a lenta e processual construção dos valores em Educação Sexual na história de vida dos estudantes. Valores que precisam ser melhores conhecidos, reconhecidos e enfrentados, principalmente (mas não exclusivamente), pelos professores de ciências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso e o comportamento acerca da afirmação do gênero nas aulas de ciências e, mesmo em outras disciplinas, muitas vezes aparecem de modo subjetivo, sem planejamento prévio e/ou ainda decorrente do ensino de temáticas não sexuais (MEC, 1999). Apesar de uma formação deficiente, o educador de ciências assume não-exclusivamente entre seus pares as muitas responsabilidades diante do tema transversal Orientação Sexual. É preciso ouvir os jovens e dialogar com eles, ouvir e perceber suas angústias, seus dilemas,

seus sentimentos... O grande desafio da escola é construir um espaço para o debate e para acolher os jovens para além do conhecimento escolar. Algumas das iniciativas na formação de professores são louváveis no sentido de formar educadores sexuais e evidenciar discussões (BORTOLOZZI; MAIA, 2005).

Este estudo identificou conhecimentos prévios de alunos de dois 6.º anos do Ensino Fundamental sobre a palavra “sexo” como pretexto para o início de uma unidade didática em ciências físicas e biológicas sobre o tema orientação sexual. Os dados, em conjunto, revelam um retrato da sociedade atual. Um retrato que aponta responsabilidades do início da vida sexual maciçamente voltado às mulheres, ao sexo feminino. Pode-se salientar que os meninos preocupam-se menos ou em menor número com tais responsabilidades, seja de uma possível paternidade ou mesmo em contrair DST's. A partir deste levantamento inicial, isto é, das percepções dos alunos e das alunas sobre o que compreendiam do termo “sexo” foi possível ao docente prosseguir as aulas de modo mais contextualizado e adequado às reais demandas provenientes da sala de aula.

O docente das ciências naturais assume diante das aulas com a temática Orientação Sexual uma postura ética-plural-moral que muitas vezes é contrária à da cultura hegemônica dita “normal”: de família, de heterossexualidade, de sexo e de sexualidade, apesar de também incluí-las. É preciso investir na cultura de uma sexualidade da inclusão, isto é, contra-hegemônica que atue na inserção da cultura negra e indígena, no respeito às minorias, no respeito à história de vida pessoal, à homossexualidade e bissexualidade, inclusive em relação às pessoas que vivem à margem dos padrões dominantes de “normalidade”.

É necessário investimentos na formação inicial e continuada de professores de modo que o debate avance para além dos problemas já costumeiramente tratados em aulas de ciências, por exemplo, condutas de planejamento familiar, gravidez indesejada na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis – D.S.T.'s e heterossexualidade. Debate este que avance também para além da repressão dos desejos, para adiante de qualquer forma de normatização e padronização do comportamento dos jovens, da cultura e da sexualidade.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, 2003. p. 281-315. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a12>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

BORTOLOZZI A. C.; MAIA A. F. (Org.). **Cadernos do CECEMCA**. Bauru: FC/UNESP, 2005. (Cadernos Cecemca, v. 1).

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. Brasília, DF: 1999. v. 10. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2010.

CAMPOS, M. C. C.; NIGRO, R. G. **Didática das ciências: o ensino-aprendizagem como investigação**. São Paulo: FTD, 1999.

CARVALHO, A. M. P.; GIL-PÉREZ, D.; **Formação de professores de ciências: tendências e inovações**. São Paulo: Cortez, 2001.

DISCOVERY CHANNEL, **A vida antes do nascimento: atlas do corpo humano**. Vídeo: 25 minutos, 1995.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M.; **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

DUARTE, R. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FISCHER, R. M. B.; Mídia e produção de sentidos: a adolescência em discurso. In: SILVA, L. H. (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GOMES, P. C. Orientação Sexual: vencendo preconceitos na sala de aula. In: EIDE – ENCONTRO IBERO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO, 4., 2009, Araraquara. **Anais...** Araraquara: Ed. Unesp/FCLAr, 2009.

LIRA, A.; JOFILI, Z. O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? **REMPEC: Ensino, Saúde e Ambiente**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 22-41, abr. 2010.

LOURO, G. L.; Segredos e mentiras do currículo: sexualidade e gênero nas políticas escolares. In: SILVA, L. H. (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade e educação escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. In: BORTOLOZZI, Ana Cláudia.; MAIA, Ari Fernando

Maia. Sexualidade e infância. **Cadernos CECEMCA**, n. 1, Bauru: FC/CECEMCA: Brasília: MEC/SEF, 2005. 204 p. Disponível em:

<<http://cecemca.rc.unesp.br/cecemca/cadernos/Sexualidade%20%20Inf%206%20fev%202006.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2014.

SILVA, R. C. P.; MEGID NETO, J. Formação de professores e educadores para a abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Revista Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

TONATTO, S.; SAPIRO, C.M.; Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 163-175, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n2/v14n2a09.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

VERGUEIRO, W. et al. **Como usar história em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, W.; RAMOS; P. (Org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

Artigo recebido em: 12/01/2014.

Aprovado em: 04/09/2014.